

teve todos os requintes de tristeza e tragédia. Passa seus últimos três dias de vida na famosa Sala do Oratório, e dali sai para o adro da Igreja de Nossa Senhora do Terço, onde foi armado um altar. Uma cerimônia sinistra exige que o sacerdote seja despido das vestes de sua ordem. Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca está absolutamente calmo. Horas antes o carrasco acordou-o de um sono tranqüilo e profundo. As carabinas voltam-se para ele, sua mão direita faz lentamente o sinal da cruz antes que um estrondo faça estremecer a cidade e voar os pombos nas torres das igrejas.

Todos conhecem as circunstâncias da morte trágica do poeta Cláudio Manoel da Costa. Conselheiro de governadores, advogado ilustre e escritor muito admirado, envolveu-se na devassa da Inconfidência Mineira. Preso e interrogado a 9 de abril de 1789, foi mantido numa pequena cela que ainda hoje existe em Ouro Preto, na Casa dos Contos. A 4 de julho daquele ano foi encontrado morto, enforcado, e desde então as opiniões se dividem entre os que crêem tenha sido ele assassinado, e os que acreditam em suicídio.

Os naufragos, ou os que simplesmente morreram no mar, foram também perdas muito grandes para as letras brasileiras. Manuel Antônio de Almeida, Gonçalves Dias e Jackson de Figueiredo são os mais comumente evocados. O primeiro, autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*, escreveu em jornais do Rio de Janeiro e dedicou-se ao teatro. Em fins de novembro de 1861, viajando no vapor "Hermes" para fazer uma reportagem sobre as festas da inauguração do canal ligando Campos a Macaé, encontrou a morte no naufrágio do barco. Antônio de Almeida tinha trinta anos.

Antônio Gonçalves Dias é o autor consagrado de *Canções do Exílio*, *Os Timbiras* e *Últimos Cantos*. De regresso ao Brasil, depois de uma viagem pela Europa, em fins de 1864, morreu no naufrágio do "Ville de Boulogne", que havia saído do Havre em 10 de setembro. O afundamento deu-se nas costas do Maranhão, depois do choque do barco com recifes.

O mar engolindo gente,  
a tísica matando  
e o incêndio consumindo

A morte de Jackson de Figueiredo Martins impres-

sionou muito os meios intelectuais brasileiros. Pensador católico de imenso talento, dedicou-se à defesa da legalidade, da ordem pública e da vida espiritual. Entre 1922 e 1925 escreveu muito, fez conferências, organizou debates. Em 4 de novembro de 1928, pescando na Gruta da Imprensa, na atual Avenida Niemeyer, no Rio de Janeiro, foi arrastado por uma onda e desapareceu.

A tuberculose devastou os meios intelectuais brasileiros durante alguns séculos. Castro Alves é um exemplo perfeito do moço vibrante e sonhador, que é levado cedo pela morte. Álvares de Azevedo, Adolfo Caminha, Pardal Mallet, Martins Pena, Cruz e Souza foram consumidos pela doença que era designada então como tísica. Em meio à febre, à tosse e a uma melancolia característica, esses escritores se deixavam consumir, fazendo sua poesia até os últimos momentos.

Os que se matam são os mais tristes, entre os que se vão em plena glória: Raul Pompéia, na noite de Natal de 1895, Ricardo Gonçalves,

por motivos sentimentais, num hotel do Brás. Muito tempo antes, Alexandre de Gusmão morreu de tristeza, segundo se diz, depois que sua mulher e filhos desapareceram num incêndio, em Lisboa, no final de 1753. Eduardo Prado faleceu vítima da febre amarela, em 1901. Em todos os casos, uma obra foi interrompida em pleno desenvolvimento.

Entre os contemporâneos, houve perdas lamentáveis quando tudo fazia prometer novas obras. José Brito Broca, autor de *Vida Literária no Brasil*, manteve colaboração de alto nível e importância em jornais brasileiros. Morreu atropelado numa madrugada do Rio, sem que nunca se soubesse quem o matou. Tragédia semelhante ocorreu com Maurício de Medeiros, autor de um ensaio admirável sobre Joaquim Nabuco e da obra *Folhas Secas*. Medeiros também foi morto por um carro, em 1966, quando saía de uma sessão na Academia Brasileira de Letras. João Guimarães Rosa e Raimundo Magalhães Júnior são os últimos dois nomes que

ocorrem, nessa lista de tragédias. Rosa faleceu de um enfarte em sua casa, em novembro de 1967, poucas horas depois de sua posse na Academia (que ele havia adiado temendo as emoções). Magalhães Júnior, jornalista, escritor e ensaísta admirável, machadiano apaixonado e pesquisador incansável, foi atropelado quando chegava à redação de *Manchete*, para morrer uma semana depois. Como todos os outros que desapareceram em pleno trabalho, levando, cada qual de um modo, seu brilho insubstituível para sempre, deixou um vazio que nunca vai ser possível preencher completamente.

Luiz Carlos Lisboa, jornalista, advogado, conferencista e escritor. Publicou seleção de artigos e reportagens, três coletâneas de artigos, contos e um guia prático de literatura. Uma de suas obras: *Olhos de ver, ouvidos de ouvir*. \* Darcy Pentecado, ilustrador, pintor, cenógrafo e teatrólogo. Autor de quatro romances, entre os quais: *Nivaldo e Jerônimo*.

